

Atos pluralistas rechaçam golpismo e pedem respeito a Estado de Direito



Pátio das Arcadas na Faculdade de Direito da USP lotado durante leitura de manifesto

Ato pela democracia une sociedade com falas contra golpismo de Bolsonaro

★ Protesto endossa peso histórico de carta ★ Salão nobre e pátio da Faculdade de Direito da USP tomados por diferentes segmentos sociais ★ Manifesto passa de 1 milhão de signatários

SÃO PAULO A mais ampla manifestação por democracia sob o governo de Jair Bolsonaro (PL) teve ápice na manhã desta quinta-feira (11) com um ato na Faculdade de Direito da USP em que foi lida, sob aplausos e falas contra o autoritarismo, a carta iniciada na instituição e assinada por mais de 1 milhão de pessoas.

O texto, que não cita diretamente Bolsonaro, mas prega a manutenção do Estado democrático de Direito e o respeito às eleições diante das ameaças golpistas do presidente de contestar o resultado e questionar as urnas eletrônicas, foi precedido da leitura de outro manifesto, endossado por mais de cem instituições.

O movimento, a menos de dois meses do primeiro turno das eleições, é considerado um marco simbólico na reação da sociedade civil à escalada de ameaças às instituições promovida por Bolsonaro, que insulsa apoiadores para saírem às ruas no 7 de Setembro, data do Bicentário da Independência. Segmentos que estavam inertes perante as intimidações, sobretudo no ambiente empresarial e financeiro, decidiram se juntar às mobilizações. Banqueiros, juristas, acadêmicos, artistas, sindicalistas e ativistas também participam, sob o discurso de união de divergentes em torno de um ideal maior. "A Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito" remete à histórica "Carta aos Brasileiros", apresentada em ato público em agosto de 1977, na mesma Faculdade de Direito da USP, que marcou a luta contra a ditadura militar e por redemocratização. Oradores repudiaram, em

tom de espanto e indignação, a necessidade de em pleno 2022 a sociedade ter que brigar por democracia e respeito à Constituição de 1988. "É uma situação estruçalha essa, mas toda a nossa energia, toda a nossa coragem tem que ficar neste momento concentrada em salvar o que foi conquistado ao longo dos anos e que é a base do nosso futuro", disse o ex-presidente do Banco Central do Brasil Arminio Fraga. Frisando que "as sociedades mais prósperas do planeta são todas democracias", Arminio disse que se trata parte de um "grupo tão diverso, que tantas vezes no passado lutou em polos opostos, fazendo agora de tudo para preservar o que nos é sagrado, que é a nossa democracia". O Judiciário, que Bolsonaro frequentemente ataca como estratégia de descredibilizar as instituições, foi defendido nos discursos, assim como a Justiça Eleitoral. As falas também enfatizaram o combate à fome e à desigualdade, além

de exaltar direitos de minorias, como negros e mulheres. O ambiente teve clima de demonstração, mas também de celebração por estar materializada a revolta expressa nos documentos, divulgados há meses de um mês. A adesão virtual à carta idealizada na USP surpreendeu organizadores. O salão nobre e o pátio da faculdade, no largo São Francisco, região central de São Paulo, foram tomados por diferentes segmentos sociais, partidos e correntes ideológicas. A instituição é palco histórico de manifestações em defesa dos princípios legais. Uma multidão de signatários e apoiadores da causa também se concentrou do lado de fora, inicialmente sob frio e garoa — depois o tempo abriu. A plateia acompanhou as falas que ocorreram dentro do prédio por um telão. Organizações como a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a OAB-SP (Ordem dos Advogados do Brasil em São Paulo) fizeram marchas até o local.

Continuação da página 44 Não foram registrados incidentes na mobilização na capital paulista. Ato simultâneo em outras universidades em todos os 26 estados brasileiros também tiveram a leitura da carta e discursos. Mais tarde, houve passeatas e outras manifestações de rua contra Bolsonaro em diferentes capitais, incluindo São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Rio, além de Brasília. Faixas com referência ao regime militar foram estendidas nos pátios das Arcadas, com mensagens como "ditadura nunca mais". Outros eram por "Estado de direito sempre" e "democracia sem fim". "Temos aqui a reunião de sindicalistas, empresários e movimentos sociais da sociedade civil. Isso mostra que as eleições já têm um vencedor", discursou o diretor da Faculdade de Direito da USP Cleo Fernandes Campilongo. "Esse vencedor é o sistema eleitoral brasileiro. Esse vencedor é a legalidade do Estado democrático de Direito sempre. É, principalmente, o vencedor das eleições e o povo brasileiro". A carta foi lida por três professoras da USP que se descreveram, respectivamente, como preta — Janice Aparecida de Jesus Prudente —, branca — Maria Paula Dallari Bucci — e morena — Ana Elisa Bechara —, e um homem branco, o advogado Flávio Bierrenbach. O pátio das Arcadas ficou lotado. Campilongo afirmou que 1.200 pessoas eram esperadas, além de 200 jornalistas e 100 alunos que ajudaram na organização. Ele disse à reportagem, no entanto, estimar que havia cerca de 2.500 pessoas no prédio, além de 15 mil a 20 mil do lado de fora. Durante a leitura, espectadores ergueram o celular para gravar vídeos. No encerramento, o hino nacional foi executado no pátio. Parte do público entoou coros de "Fora, Bolsonaro" e "olé,olé,olá, Lula, Lula". A cantora Daniela Mercury pediu respeito ao Estado de Direito e cantou a música "O Canto da Cidade".

Continuação da página 44 Não foram registrados incidentes na mobilização na capital paulista. Ato simultâneo em outras universidades em todos os 26 estados brasileiros também tiveram a leitura da carta e discursos. Mais tarde, houve passeatas e outras manifestações de rua contra Bolsonaro em diferentes capitais, incluindo São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Rio, além de Brasília. Faixas com referência ao regime militar foram estendidas nos pátios das Arcadas, com mensagens como "ditadura nunca mais". Outros eram por "Estado de direito sempre" e "democracia sem fim". "Temos aqui a reunião de sindicalistas, empresários e movimentos sociais da sociedade civil. Isso mostra que as eleições já têm um vencedor", discursou o diretor da Faculdade de Direito da USP Cleo Fernandes Campilongo. "Esse vencedor é o sistema eleitoral brasileiro. Esse vencedor é a legalidade do Estado democrático de Direito sempre. É, principalmente, o vencedor das eleições e o povo brasileiro". A carta foi lida por três professoras da USP que se descreveram, respectivamente, como preta — Janice Aparecida de Jesus Prudente —, branca — Maria Paula Dallari Bucci — e morena — Ana Elisa Bechara —, e um homem branco, o advogado Flávio Bierrenbach. O pátio das Arcadas ficou lotado. Campilongo afirmou que 1.200 pessoas eram esperadas, além de 200 jornalistas e 100 alunos que ajudaram na organização. Ele disse à reportagem, no entanto, estimar que havia cerca de 2.500 pessoas no prédio, além de 15 mil a 20 mil do lado de fora. Durante a leitura, espectadores ergueram o celular para gravar vídeos. No encerramento, o hino nacional foi executado no pátio. Parte do público entoou coros de "Fora, Bolsonaro" e "olé,olé,olá, Lula, Lula". A cantora Daniela Mercury pediu respeito ao Estado de Direito e cantou a música "O Canto da Cidade".



Manifestante segura cópia da Constituição durante ato na Faculdade de Direito da UNB, em Brasília



Manifestantes pedem voto em candidatos LGBTQIA+ no largo de São Francisco, em São Paulo

O presidente da República acabou por legitimar as reações da sociedade ao falar nos últimos dias que as "cartinhas", como se referiu aos documentos, têm o objetivo de atingi-lo. Bolsonaro ironizou as mobilizações inclusive enquanto acontecia o ato no largo São Francisco. As investidas do mandatário sobre o sistema eleitoral e as instituições se intensificaram desde o 7 de Setembro de 2021 e devem se repetir na mesma data neste ano. A tensão se ampliou com a reunião com embaixadores convocada por Bolsonaro em 18 de julho, no Palácio da Alvorada, em que ele repetiu mentiras sobre as urnas eletrônicas, atacou instituições e disseminou teorias da conspiração. Lula e outros presidentes, como Gilvo Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB), assinaram o manifesto, assim como os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB). Segundo os organizadores, os oradores foram orientados a evitar menções a Lula e Bolsonaro, na tentativa de tornar o ato suprapartidário e alcançar todos os brasileiros — não foram permitidas faixas de partidos ou candidatos. O petista, contudo, se fez presente em camisas e adesivos, principalmente do público do lado de fora. A maior parte dos recados a Bolsonaro foi elogiada, mas a presidente do Centro Acadêmico 11 de Agosto, Manuela Moraes, por exemplo, citou o presidente explicitamente. O protocolo também foi quebrado pelo coordenador nacional do MST, João Paulo Rodrigues, que pediu voto no petista ao discursar da sacada para o público externo, e pelo candidato a deputado federal pelo PSOL Guilherme Boulos. Antes, foi lido também na Faculdade de Direito outro manifesto em favor da democracia, assinado por entidades como a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e a Febraban (Federação Brasileira de Bancos). Apudado de "cartões empresariais", o documento "Em Defesa da Democracia e da Justiça" uniu mais de cem organizações, inclusive parceiros improváveis, como a Fiesp, centrais sindicais (Confederação CUT, Força Sindical e UGT) e Febraban, a Academia Brasileira de Ciências e a UNE. O material faz apelos por respeito à soberania do voto, obediência à Constituição, apreço ao Judiciário e preservação da estabilidade democrática e do Estado de Direito. Também reforça a confiança na integridade do sistema eleitoral e na busca pacífica por desenvolvimento. A mobilização foi mais emblemática de setores do PIB contra os arrochos antidemocráticos do mandatário. Apesar das adesões de peso, segmentos econômicos alinhados ao bolsonarismo evitaram endossar os atos. O presidente da Fiesp, Josué Gomes da Silva, participou do evento. Escolheu para ler o manifesto ao microfone, o ex-ministro da Justiça José Carlos Dias, presidente da Comissão Arns, disse que, com a mobilização inédita, "capital e trabalho se unem em defesa da democracia". Ex-presidente da Fiesp, o empresário Horácio Lafer Piva discursou na tribuna em defesa dos pilares constitucionais: "Todos que estão aqui hoje lutam contra a apatia, contra o populismo, contra as ameaças. Lutam contra os riscos de deixar de lado o melhor de nós mesmos". O presidente da Força Sindical, Miguel Torres, definiu como natural a união das centrais sindicais entidades patronais. Segundo ele, a democracia é um bem maior, que vai além das diferenças. Joelmir Favares, Carolina Linhares, Douglas Gavras, Artur Rodrigues, Carlos Petróchio, Bruno Soraggi e Renata Galf

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 4 e 5